

Gritos gráficos: uma análise da escrita no Facebook

Robert Tuneca¹

Ana Maria Macedo²

Resumo: Esta pesquisa objetivou verificar se fatores sociais (idade, escolaridade e sexo) são determinantes para o uso de recursos gráficos de expressão/sentimento tais como alongamento de sílaba, reduplicação de sinais interrogativos ou exclamativos e emoticons em uma rede social. Para tanto, observou se fatores como idade, sexo e grau de escolaridade influenciariam nas escolhas de tais recursos expressivos. Como aporte teóricos, usamos Marcuschi (2003, 2005, 2010,) e Koch (2005, 2014), entre outros, foram de fundamental importância para dar sustentabilidade ao nosso estudo. Percebeu que o fator escolaridade teve mais influência na escolha e uso de recursos gráficos para expressar emoções.

Palavras-chave: Fala; Escrita; Redes Sociais; Facebook

Abstract: This research aimed to verify whether social factors (age, education and gender) are determinants for the use of graphic resources of expression/feeling such as syllable elongation, reduplication of interrogative or exclamatory signs and emoticons in a social network. To this end, it observed whether factors such as age, gender and level of education would influence the choice of such expressive resources. As theoretical contributions, we used Marcuschi (2003, 2005, 2010) and Koch (2005, 2014), among others, which were of fundamental importance to give sustainability to our study. It was noticed that the educational factor had more influence on the choice and use of graphic resources to express emotions.

Keyword: Speech; Writing; Social Networks; Facebook

Introdução

O presente estudo aborda as diferentes características da língua escrita na rede social “Facebook”, tendo como objetivo averiguar se fatores sociais como idade, escolaridade e sexo são determinantes para o uso de recursos gráficos de expressão de sentimento. Os recursos observados foram alongamento de sílaba, reduplicação de sinais interrogativos ou exclamativos e emoticons. Embora esse assunto seja complexo, compreender o processo dessa transição foi de fundamental importância para nortear nosso estudo, abordando os

¹ Graduado do curso de Licenciatura em Letras – Unemat/Campus de Pontes e Lacerda

² Professora do curso de Licenciatura em Letras – Unemat/Campus de Pontes e Lacerda

princípios, conceitos e regras da linguística. Em um contexto geral foi possível observar através dos dados coletados que o ambiente virtual proporciona a disseminação da diversidade na estrutura da língua escrita. Assim, pode-se afirmar que os aspectos sociais podem determinar o aparecimento das ocorrências.

A observação da escrita em redes sociais é uma prática recente, e que ainda vem sofrendo aperfeiçoamento, sendo perceptível a aproximação da língua escrita para a língua oral, através dos variados recursos gráficos que a rede social proporciona para representação da expressão.

O artigo apresenta quatro seções. A primeira apresenta as considerações teóricas da linguística, Benveniste (1998) e Coseriu (1973), para apresentar estudos da linguagem e suas estruturas.

A segunda seção apresenta uma descrição do conceito de língua oral e língua escrita, partindo da sociolinguística em que são mostrados os pontos de vista de Marcuschi (2003, 2008; 2010) e Koch (2005).

Na terceira seção, discorre-se a respeito dos procedimentos metodológicos adotados no percurso da pesquisa, bem como a forma de interpretação e análise dos dados.

Por fim, encontram-se as considerações finais a respeito do que foi discutido.

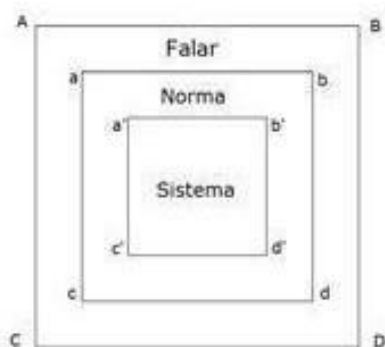
1. Língua e norma

Não há sociedade sem comunicação, ou, nas palavras de Benveniste ([1966] 1988, p.285), não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro, pois o que encontramos no mundo é um homem com outro homem.

Quando propôs a dicotomia *langue/parole*, Saussure acabou abrindo caminho para soluções e críticas. Houve quem se detivesse a criticar por, ao excluir a fala, ter também excluído o sujeito e a história. Mas houve também quem se esmerou para, seguindo as trilhas do mestre genebrino, esclarecer a abstração língua/ fala e explicar como uma se tornava a outra. Para Coseriu (1973), não há como manter com coerência a distinção língua/fala, uma vez que a linguagem só existe como fala, pois, por um lado, língua e fala não são realidades claramente separadas, por outro fala é realização da língua e língua é condição da fala. Ao discutir a troca linguística, seu mecanismo e difusão, Coseriu (1973) rompe com a ideia

dicotômica de Saussure e seus continuadores e vê como risco as abstrações com as quais não pode a linguística se conformar, visto que, concretamente, só existem atos linguísticos, que são ao mesmo tempo individual e social “que é de per si assistemático, posto que é uma perpétua criação de expressões inéditas correspondentes e intuições inéditas”, nas quais um sistema estável é apenas uma abstração científica. Coseriu (1973) propõe uma tripartição para tornar claro o conceito: língua, norma e fala.

O conceito de língua como sistema abstrato implica, segundo o autor, todo conceito de norma, levando-o a distinguir sistema normal (norma) de sistema funcional (sistema). A norma contém elementos normais e constantes em uma língua, mas não distintivos do ponto de vista funcional, ou seja, é “a realização coletiva do sistema, que contém o sistema e os elementos funcionalmente ‘não pertinentes’ ao sistema, porém normais na fala de uma comunidade” (Coseriu, 1973, p.90). Desse modo, o sistema proporciona os meios, e a norma é imposta ao indivíduo, limitando suas possibilidades expressivas. Já a fala é a realização concreta da norma somada à originalidade e expressividade do falante.



A língua funcional é, portanto, a norma e o sistema dizem respeito às possibilidades, os caminhos abertos ou fechados, a norma é um sistema de realizações consagradas social e culturalmente e corresponde ao que é efetivamente dito e não ao que se deve dizer (Coseriu, 1973b, p. 55). O sistema, desse modo, representa a dinamicidade da língua e a norma e sua fixação representam o equilíbrio sincrônico.

Vamos assumir com Coseriu (1973a, p.113) que as línguas sofrem mudanças, já que se adapta à necessidade dos falantes. Isso implica dizer que num amplo e diversificado país como o Brasil, não se pode esperar homogeneidade linguística. Além disso, com a democratização do ensino num primeiro momento e, num segundo, o acesso maior à internet

e a meios de divulgação de ideias, um maior contingente de pessoas passou a se manifestar por escrito, contribuindo, talvez, para a heterogeneidade da escrita. Não se pretende dizer com isso que a escrita está ameaçada devido à internet, mas apenas que, como prática social e modo de enunciação ela pode ser afetada pelo uso. A possibilidade de interação em tempo real pode explicar o uso recursos gráficos que substituem traços que apareceriam numa interação face a face como gestos, expressão facial, tom de voz, ou seja, elementos que deixam ver a emoção e subjetividade do falante.

Todo ato de falar, a língua concreta, é ao mesmo tempo livre e histórico, a língua só tem existência concreta no falar (COSERIU, 1973b, p.47-8). Como manifestação da língua, a escrita só tem existência no ato concreto de escrever, o que justifica verificar como os sentimentos e emoções são expressos graficamente e se escolaridade, sexo e idade contribuem para o uso de tais formas de expressão.

A tecnologia vem imprimindo mudanças nas formas de manifestação escrita e cabe à linguística descrever os fenômenos linguísticos atuais. Nesse sentido, buscamos na presente pesquisa verificar se algumas inovações na escrita são usadas indistintamente ou se sexo, idade e escolaridade são condicionantes de usos de *emoticons*, alongamento de sílaba e reduplicação de sinais de pontuação como marcas de expressividade.

2. Conceitos de fala e escrita

Passaremos a tratar teoricamente de fala e escrita a partir de Marcuschi (2008; 2010) e Koch (2005), dentre outros. Dispomos em nossa língua, como prática de representação discursiva, as modalidades oral e escrita. Ambas as modalidades são harmônicas entre si. Segundo Marcuschi (2010, p. 21), a escrita sofre influência da oralidade e “a passagem da fala para escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”, equivalente às duas modalidades em um mesmo nível hierárquico.

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala. (Marcuschi, 2010, p. 17).

O ser humano pode ser delineado “como um ser que fala e não como um ser que escreve” (Marcuschi, 2010, p. 17). Os seres humanos nascem com uma capacidade de dotações motoras e cognitivas que vão se alargando com o passar dos dias, sendo a fala uma dessas competências. Nesse sentido, Marcuschi (2010) ressalta que a fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá o primeiro sorriso ao bebê (p.18).

A comunicação através da oralidade passou por um processo de desenvolvimento que foi se aperfeiçoando ao longo dos tempos, juntamente com a evolução humana. Na escrita, o percurso é diferente. Estudos mostram que ela surgiu há cerca de 5.500 anos atrás, o que significa que a fala é primária na existência humana. Embora a língua falada seja a inicial, conforme observação de Marcuschi (2010), não se pode considerar que ela é superior à língua escrita ou que a escrita é oriunda da fala. Ambas são formas de representação do sistema linguístico.

Os primeiros estudos sobre fala e escrita apresentavam-nos como uma dicotomia, por isso Koch (2005) apresenta uma tabela com as características dicotômicas criticando essa divisão.

Quadro 01 – Características dicotômicas de fala e escrita

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do “modus pragmático”	Predominância do “modus sintático”
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional

Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases completas subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Pouca normalização	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Koch (2005, p.78).

Na visão apresentada por Koch (2005), a fala é tida como empobrecida em relação à escrita. De forma geral, no quadro é perceptível que a fala é tida como descontextualizada, não esquematizada, sendo inacabada e fragmentada.

Este quadro apresentado por Marcuschi (2003) serve para reafirmar o que Koch (2005) pontua. Ambos concordam que as descrições atribuídas à língua são passíveis de questionamento. Nesse campo, que faz referência às modalidades escrita e oral da língua, Crystal (1995, apud, Macedo, 2017, p.58-9) aponta as semelhanças e as divergências entre ambas, ressaltando que:

A fala é limitada no tempo, dinâmica e transitória e faz parte de uma interação na qual os participantes estão presentes, por isso o falante sabe sempre quem é (ou são) o destinatário da mensagem, enquanto a escrita tem espaço estático e permanente. Além de o escritor estar normalmente distante do leitor, pode acontecer de ele nem saber quem lerá o texto. (Cf. CRYSTAL, 1995, apud MACEDO, 2017)

Devido à velocidade e à espontaneidade da fala, não há como planejá-la, por isso há repetições, reformulações e comentários, além de os limites das sentenças nem sempre serem claros. Já a escrita permite leitura e análise o que contribui para uma organização cuidadosa, com unidades fáceis de identificar, sejam sentenças, sejam parágrafos.

Como estão em interação face a face, os falantes podem usar expressões que se ligam diretamente à situação como os dêiticos *aqui, lá*. A escrita evita o uso de expressões dêiticas.

A prosódia é característica única da fala, sendo que a entonação, o ritmo, a intensidade não podem ser transcritos com eficiência. Como características próprias da escrita constam páginas, linhas, organização espacial, pontuação e elementos como gráficos, horários e tabelas, que são assimilados visualmente.

Há palavras e construções características da fala, especialmente a informal. É normal coordenar frases longas e pode ocorrer de palavras *nonsense* não ter ortografia padrão. Várias instâncias de subordinação na mesma frase são características de escrita, bem como padrões sintáticos elaborados.

A fala é mais adequada para expressar fatos cotidianos, atitudes pessoais, devido aos vários recursos prosódicos e não-verbais. A escrita serviria para gravar fatos e ideias, para tarefa de memória e aprendizagem, tabelas demonstram a relação entre as coisas, notas e listas mnemônicas. O texto escrito pode ser lido na melhor velocidade para compreensão.

Na fala há sempre a possibilidade de repensar a sentença em andamento, começando de novo ou acrescentando algo, mas os erros falados não podem ser apagados, por isso interrupções e sobreposições na fala são compreensíveis. Já na escrita, os erros e inadequações podem ser corrigidos em etapas posteriores sem que o leitor fique sabendo que havia. As interrupções também não aparecem no produto final.

O autor afirma que, em função da era digital, em que as interações da escrita tornaram-se globalizadas, não há uma nitidez quanto à diferenciação entre a fala e a escrita.

Não se pode, portanto, definir a fala e a escrita como distintas, mas considerá-las uma prática de um “*continuum sócio-histórico*”. A fala é “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto)” (Marcuschi, 2010, p. 26), enquanto a escrita trata-se de “produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica” (Marcuschi, 2010, p. 26).

Devemos, ainda, levar em consideração todas as condições de produções nas quais essa fala é emitida. Para Marcuschi (2005):

Língua falada é toda a produção linguística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais em condições de proximidade física, ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes. (Marcuschi; Dionísio, 2005, p. 71).

Diante do que discutem esses autores, é necessário ter um olhar cauteloso na relação entre fala e escrita, visto que não há uma modalidade superior a outra. Segundo Marcuschi (2010), não há uma separação entre a fala e a escrita, o que distingue as duas variedades é que uma apresenta de forma sonora e a outra gráfica, pois para o autor ambas “refletem, em boa

medida, organização da sociedade” (Marcuschi, 2010, p.35). Assim sendo, podemos considerar que a fala e a escrita oferecem meios para que a língua venha se efetivar e que as formulações de ambas as modalidades produzem o movimento da comunicação nas mais diferentes culturas.

3.1 Fala e escrita a partir de um *continuum*

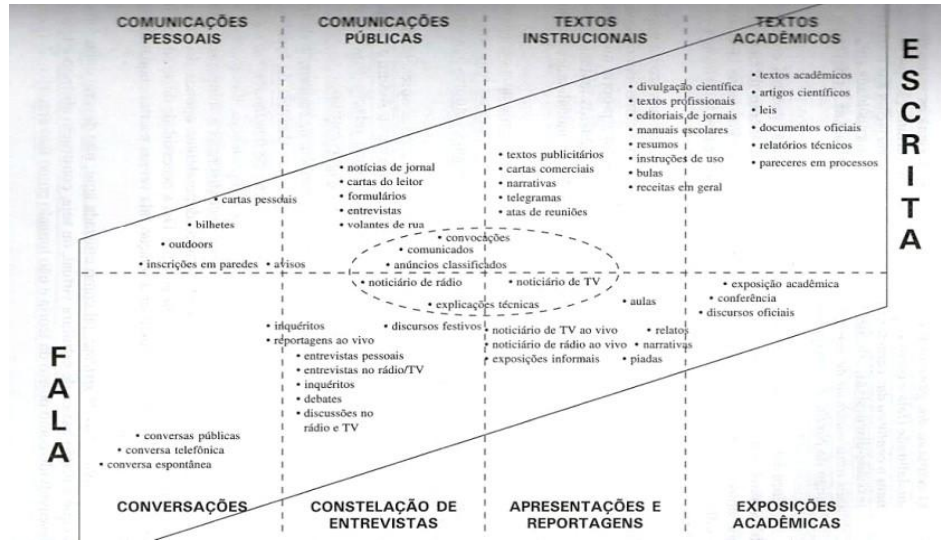
A discussão sobre as modalidades da língua chama a atenção pelo fato de que “oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedade diversas” (Marcuschi, 2010, p.37). Nesse sentido, o autor sugere que a língua falada e língua escrita sejam estudadas a partir de uma visão na qual as modalidades da língua não fossem divididas, mas que fossem compreendidas nas suas especificidades por separação de gêneros, que poderiam ser classificados como gêneros padrões da fala, outro modelo da escrita e um terceiro que poderia ser considerado misto que contemplaria as características de ambas modalidades.

Nessa mesma direção, Marcuschi (2003) exemplifica por meio de gráficos as representações da fala e escrita em um *continuum* dos gêneros textuais. O quadro elucida suas teorias sobre a língua e a escrita a partir dos contextos histórico, social e cultural.

(...) o contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos sobrepostos. (Marcuschi, 2010, p. 42).

Nesse *continuum* que vai do menos informal ao mais formal, Marcuschi (2003) explica que o contínuo dos gêneros textuais submerge das condições que permeiam a fala e a escrita.

Gráfico 01 – Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.



Fonte: Marcuschi, 2003, p. 41.

Nesse jogo entre constituição e formulação do *continuum*, outros autores como Fávero, Andrade e Aquino (2009), compactuam com Marcuschi (2007) a mesma ideia. Para eles, ambas as modalidades se estabelecem em um *continuum*, num processo que vai sempre do menos formal para o mais formal e que fala e escrita numa mesma gramática. O que as distingue é a natureza na qual se realizam. Nesse sentido, somos levados a entender que essa disparidade ocorre em função de que cada uma tem suas particularidades e deve ser levado em consideração cada tipo de texto. Marcuschi salienta que "as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos". (Marcuschi, 2001, p. 37). Nessa tipologia podemos encontrar textos nas duas modalidades, que contemplam as formas mais e menos formais, isso depende diretamente das falas planejadas como os discursos, as falas não projetadas como uma fala de roda de amigos e a escrita não projetada como bate papos informais e escritas planejada de forma padrão, portanto essas formas irão variar a partir dos gêneros textuais. Koch (1997) destaca que:

costuma-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita, o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição de linguagem. (Koch, 1997, p. 32).

Assim, não há uma característica que pode ser considerada exclusivamente da fala ou da escrita. Para Marcuschi, (2003) assim, mesmo que a fala e escrita possuam aspectos peculiares, ambas devem ser consideradas de forma ampla e homogênea, tanto nos gêneros textuais como em toda a prática de comunicação na qual a fala e a escrita não se dividem. Marcuschi (2003) salienta que:

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de contínuos *sobrepostos*. (Marcuschi, 2003, p. 42).

Nessa mesma linha de raciocínio, outros teóricos trazem dados significativos de suas observações no processo entre a fala e escrita, em um contínuo que englobam vários tipos de gêneros textuais. Para as autoras Batista – Santos (2014).

[...] a fala e escrita ocorrem num contínuo. Dessa forma, as novas perspectivas de texto, gênero, discurso, suas condições de produção e realização. Há uma revisão da forma de conceber a fala, pois a fala, tida antes como lugar da desorganização, espontaneidade, passa agora a ser vista como planejada e organizada segundo critérios que favorecem a interação e compreensão do que é dito (Batista-Santos, 2014, p. 50).

Estudos evidenciam que os mitos sobre a fala e escrita têm sido desqualificados, visto que na era da cultura digital, e principalmente no ambiente virtual, surgem novos gêneros textuais e outras maneiras de comunicação, constituindo assim novas dinâmicas de comunicação, mesclando as modalidades falada e escrita.

3.2 Fala e escrita em ambiente virtual

Em se tratando de língua, muitas foram as mudanças ocorridas, devido aos meios digitais. Como pontua o autor Marcuschi (2004), com o advento da internet tornou-se cada vez mais complexo demarcar o que é admitido na língua falada e o que é cobrado na língua escrita, pois há uma “mistura de gêneros textuais, afora os gêneros virtuais como, e-mail, lista de discussão, chats, blogs, vídeo conferências entre outros. Na linguagem síncrona da internet, é possível encontrar muitos traços de interação face a face. Resta saber os condicionantes que determinam o uso de mais ou menos recursos gráficos que sugiram tal interação.

4.1 Metodologia

Nas palavras de Marcuschi, com o advento da internet, tornou-se cada vez mais complexo demarcar o que é admitido na língua falada e o que é cobrado na língua escrita, pois há uma “mistura” de gêneros textuais, afora os gêneros virtuais como, e-mail, lista de discussão, chats, weblogs, videoconferências entre outros. Com isso em mente, averiguamos se fatores sociais como idade, escolaridade e sexo determinariam o uso de recursos gráficos de expressão/sentimento, tais como alongamento de sílaba, reduplicação de sinais interrogativos ou exclamativos e emoticons, no Facebook, no ano de 2018.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa, em que se buscou enfatizar o aspecto reflexivo e subjetivo para a leitura e análise dos dados. Usamos como critérios de escolha de dados: sexo, idade e grau de escolaridade, o que coloca a pesquisa numa vertente sociolinguística, no sentido de conceber a língua como intrinsecamente relacionada à sociedade. A partir desta relação serão observadas as formas de expressão de emoção por meio de homens e mulheres com ensino fundamental, médio e superior.

O *corpus* de análise é composto por trinta e seis postagens no Facebook do primeiro semestre de 2018, nos seguintes grupos: sexo masculino e feminino, subdivididos em níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e faixa etária de idade (até 40 anos e acima de 41 anos).

Como categorias de análise foram usados alongamento de sílaba, reduplicação de sinais interrogativos ou exclamativos e emoticons.

4.2 Análise das postagens no Facebook

Facebook é uma rede social idealizada por Mark Zuckerberg em 2004, inicialmente chamado de "Thefacebook.com". A princípio essa rede se restringia a estudantes de Harvard, que criavam perfis com informações pessoais e fotografias. Essa rede cresceu e inovou muito e hoje, em 2028, conta com 2,1 bilhões de usuários. Essa abertura para os mais diferentes tipos de usuário contribuiu para novas formas escritas nesse ambiente digital.

Vivemos em uma sociedade da informatização e a tecnologia coloca todos diante de profundas mudanças nas formas de conceber a linguagem, transição que veio revolucionar as

formas de comunicação e, conseqüentemente, novas configurações e expressões aparecem, fugindo das formas padronizadas da escrita. Marcuschi (2007) afirma que

a produção escrita que hoje encontramos na maioria dos e-mails, dos blogs e dos bate-papos na internet foge completamente à regra da formalidade. E isso está se acentuando cada vez mais nos dias atuais. Portanto, ao contrário do que pensa Stubbs, podemos dizer que a língua escrita não-padrão está se tornando cada dia menos uma exceção e mais difundida. Trata-se de uma mudança de padrão, o que impede que se identifique língua-padrão com língua escrita. (Marcuschi, 2007, p. 65).

Analisaremos, nesta seção, recursos gráficos que substituem estratégias de interação face a face, como reduplicação de sinais de pontuação, alongamento de sílaba e *emoticons* das postagens. Tal inovação mantém o sentido do texto e contribui para a expressão de emoções, que na fala seria manifestada por gestos, expressões faciais e tom de voz. Nossa busca não é criticar o uso, mas descrever.

Segundo Marcuschi (2008, p. 174), “um dia só transmitíamos os textos oralmente; depois passamos a fazê-lo por escrito; mais tarde, por telefone; e então pelo rádio, televisão e recentemente pela internet”. Essa evolução abriu caminhos para as diversificações das formas de linguagens e possibilitou as alterações textuais, quebrando os paradigmas da escrita tradicional, uma vez que o ambiente virtual possibilita expressar de forma mais interativa que nos meios tradicionais. Procuramos verificar os condicionantes do uso de emoticons, reduplicação de sinais de pontuação e alongamento de sílabas como expressão de sentimento.

Gráfico 01- reduplicação dos sinais de Pontuação



Fonte: elaboração própria

O maior número de ocorrências entre pessoas com ensino superior deve-se ao fato de terem maior domínio da escrita. Como dominam o uso convencional desses sinais, a reduplicação serve para intensificar o sentido. Numa interação face a face seria perceptível na expressão facial e nos gestos o espanto, a dúvida, a desconfiança, entre outros sentimentos. Diante dessa impossibilidade, os falantes com ensino superior, ao reduplicar os sinais, suprem a lacuna existente na escrita.

Entre os usuários do ensino médio, as mulheres usam mais que os homens, o que talvez esteja relacionado à maior emotividade que se espera das mulheres.

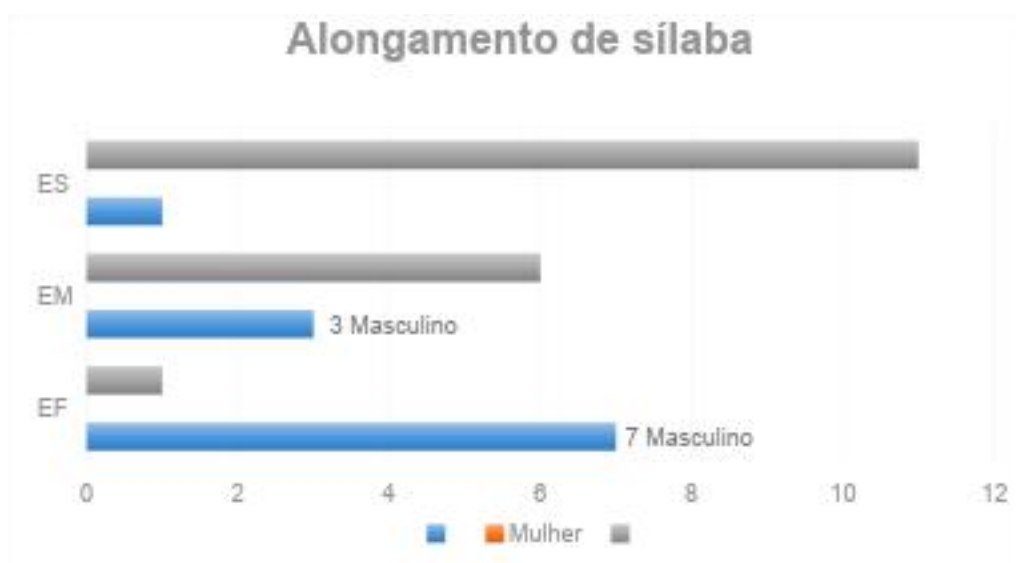
No quadro abaixo, vemos não só a reduplicação dos sinal de interrogação, como também o alongamento de sílaba.

Adooooo...
Vai trazer no níver da cidade ??

5.1 Alongamento de sílaba

Assim como os sinais de pontuação, o alongamento de sílabas também é usado para intensificar o sentido do que se quer expressar. O fator sexo foi preponderante também no uso desse recurso.

Gráfico 02 – Alongamento de sílabas



Fonte: elaboração própria

A excepcionalidade nesse caso ficou com os homens com apenas o ensino fundamental. Precisaríamos de mais dados para aventarmos uma hipótese para tal situação, mas uma quantidade maior de dados extrapolaria o objetivo da pesquisa que se trata apenas de um trabalho de conclusão de curso.

5.2 Uso de *emoticon*

Os emoticons são pictogramas de valor figurativo sem correspondência fonética que contribuem para transmissão de sentimentos. São, portanto, tentativas de substituir as expressões faciais e gestos, traduzindo o estado psicológico com a própria imagem do que se quer expressar.

Esse recurso gráfico aparece mais em postagens de usuárias com ensino superior e médio. No *corpus* analisado, houve apenas duas ocorrências entre os homens, o que coloca o sexo como o principal condicionante para o uso dos *emoticons*.

Gráfico 03: Comparação de *emoticons*



Como se pode observar mulheres com maior escolaridade suprem a ausência das expressões faciais da escrita com *emoticons*, indicando uma tentativa de deixar mais claro o que se quer expressar.

Considerações finais

Diante dos dados observados, consideramos que as redes sociais têm uma enorme contribuição para novos formatos da escrita, ao disponibilizar recursos que possibilitam expressão de sentimentos que somente seria possível numa interação face a face.

A escrita no Facebook apresenta características que assemelha a uma interação face a face, em que sentimentos e emoções são apreendidas pelo interlocutor.

A pesquisa mostrou que sexo e escolaridade são fatores de variação na escrita das postagens, sendo os homens mais conservadores e as mulheres mais inovadoras. Mostrou também o caráter mais subjetivo e emotivo das postagens femininas, independente da escolaridade. O Facebook é uma rede social que tem colaborado para que barreiras que impediam uma pessoa de se comunicar/expressar com outra sejam transpostas. Desta forma, a escrita pode desempenhar função que há alguns anos só seria possível pela fala.

Referências

BATISTA-SANTOS, D. O. **Um modelo didático do gênero cordel: uma contribuição para o ensino e aprendizagem de gênero**. São Paulo, SP. **Dissertação de Mestrado** em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC; 2014.

BENVENISTE, Émile. 1988. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes.

CRYSTAL, David. **Speaking of Writing and Writing of Speaking**. **Longman Language Review**, v. 1, p. 5-8, 1995. Disponível em: www.davidcrystal.com/DC_articles/linguistics22.pdf, Acesso em: 08 de maio. 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história. El problema del cambio linguistico**. Editorial Gredos: Madri, 1973.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GRIGOLETTO, Evandra. **“Autoria no hipertexto: uma questão de dispersão”**. *Hipertextus revista digital*. Universidade de Passo Fundo (UPF), n.2, Jan.2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume2/Evandra-GRIGOLETTO.pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **Interferência da oralidade na aquisição da escrita**. In: **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: Editora da UNICAMP, 1997(a).

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999

MACEDO, Ana Maria - **A heterogeneidade sociodiscursiva da escrita em textos jornalísticos brasileiros e portugueses do século XXI**, Unesp, 2017. Tese de doutorado.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. Ed. 10. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo : Cultrix, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Homem de NEANDERTAL, disponível em: <https://www.infoescola.com/evolucao/homem-de-neandertal> - acesso em 06 de maio 2018.